

Aldina Duarte, numa entrevista sobre o fado, a poesia e a vida, a poucos dias da sua estreia na Região, no âmbito do 8.º Festival

“O amor da minha mãe salvo

FADO E VIDA
Susana de Figueiredo
susanafigueiredo@jm-madeira.pt

‘Quando se ama loucamente’ é o título do mais recente disco de Aldina Duarte e também do espetáculo que, no próximo dia 16 de março, traz ao Teatro Baltazar Dias, num dos derradeiros momentos do Festival Literário da Madeira. Mas a frase que é título poderia bem ser o texto todo. Afinal, ‘Quando se ama loucamente’, a vida acontece por inteiro. É esta a convicção de Aldina Duarte, fadista para sempre.

N uma infância marcada por privações, nunca lhe faltou o amor. Nem a poesia; a dos livros e a da própria vida. No meio do escuro, e do fundo do corpo da criança que não pôde ser, Aldina Duarte viu sempre esperança límpida no horizonte. O fado, encontrou-o mais tarde, e dele, fez muito mais do que um sentimento.

Conversámos há uma semana, por escrito, e por isso, da sua voz ainda só conheço o fado. Não, não é a mesma coisa. Nada como o olhar, o sopro trazido pela viva voz ao nosso rosto. Contudo, mesmo à distância, lá conseguimos ir atando as palavras, para que hoje, nestas linhas, emergisse o tom e a alma de uma mulher singular, que canta, escreve e encarna o fado com a vida inteira.

‘Quando se ama loucamente’, o que acontece?

No meu caso, vive-se inteiramente.

Será possível amar de outra forma?

O amor tem múltiplas formas de se manifestar e os seus mistérios são infindáveis. “Não há amor ilegítimo”, é um verso maravilhoso de um poeta chileno, Vicente Huidobro, que destrói qualquer cliché no que diz respeito ao amor, com ou sem loucura, ‘assim ou assado’, cada um sabe de si, quando sabe.

O disco é uma homenagem à visceral escritora portuguesa Maria Gabriela Llansol. Que ponte é esta que se ergue entre si e ela?

Maria Gabriela Llansol é uma das escritoras mais singulares que alguma vez li. Criei com a sua obra uma relação de amparo e consolo, durante um período de luto. A linguagem imagética dos seus livros, ora luminosa ora obscura, foi um íman para a curiosidade, que é parte essencial da minha natureza. Um convite do mundo Llansoliano despertou em mim uma espécie de vibração infantil que me fez acordar

“

Tenho algumas boas memórias. A rua, a biblioteca, as árvores, o rio, mas, sobretudo, graças às pessoas que fazem parte do meu mundo de afetos, com quem cresci. O “calor” de casa tem a ver mais com a minha família, mais do que com Chelas.

para a vida, sair do torpor em que me encontrava e recuperar a consciência do outro... viver a vida.

‘Quando se ama loucamente’... Tudo emerge a partir de um tema inédito que Manel Cruz (Ornatos Violeta) lhe oferece. Como aconteceu este encontro?

Conheci o Manel Cruz há uns anos, no fim de um dos concertos dos Ornatos Violeta, no Coliseu de Lisboa, fomos apresentados por um amigo comum. E, na altura, fizemos questão de manifestar a nossa admiração pelo trabalho um do outro, falámos do gosto que teríamos em fazermos alguma coisa juntos. Passado muito tempo desde esse encontro, o Manel enviou-me, por e-mail, o tema ‘Quando Se Ama Loucamente’, cantado por ele, dizendo que o tinha feito a pensar em mim e na minha voz, letra e música, resultado: até o tom era o meu! Enviei o tema para o meu produtor musical, Pedro Gonçalves (Dead Combo). Esta semente germinou durante



Concerto de Aldina Duarte realiza-se a 16 de março, pelas 21h30. Os bilhetes custam 20 euros.

Literário da Madeira

u-me”

uns meses, acabando por dar origem a uma história de amor escrita por mim e ser o título do disco.

Quer em si quer na Maria Gabriela Llansol [e até no Manel Cruz], sempre vislumbrei mistério...

Atrevo-me a dizer que somos três pessoas seduzidas pelo mistério, sim, cada um pelos seus. Também somos ‘cartas fora do baralho’ na nossa vida artística, e não só... Além disso, o culto da privacidade, na sociedade em que vivemos, é o suficiente, hoje em dia, para que esse vislumbre de mistério se manifeste.

O concerto que a traz à Madeira, no âmbito do Festival Literário, marca a sua estreia na Região. Por que nos fez esperar tanto?

Apenas porque nunca se propocionou.

Apresentar-se diante de um público novo, mesmo para um artista experimentado, é sempre um desafio?

Cantar diariamente numa casa de fados, há vinte anos, é apresentar-me diante de um público novo todos os dias, sendo que o ato de cantar, em si mesmo, é um desafio constante, seja onde for e para quem for. Não sei cantar automaticamente.

Como imagina este espetáculo?
Imagino-o intenso, com muitas dores e alegrias. E gosto de pensar que vou fazer quem me ouve feliz, por ter assistido ao meu concerto.

Falar de fado é falar de amor?
No meu fado, sim. É raro um fado meu que não fale numa das formas do amor, nem que seja pela cidade.

Disse, numa entrevista, que não tem propensão para a alegria...
Estou muito melhor. Com a idade, a vida deu-me um sentido para a alegria, tudo se aprende.

Essa aprendizagem impôs-se por força da infância que diz ter-lhe sido roubada?
Tive uma primeira infância pouco infante, durante o fascismo. Entre a fome e o medo, a tristeza impera.

E se não fosse a tristeza, seria fadista?
Ser fadista é muito mais do que um sentimento...

Acha que a pobreza, a privação, transformam um ser humano?

Acho que a pobreza não serve para nada de construtivo e válido no desenvolvimento do ser humano.

Tem uma grande revolta contra o fascismo. Culpa o regime por essa infância que não teve?

O fascismo é abjeto. Revolta-me muito para além do meu caso particular, evidentemente. É uma pura questão de humanismo ser contra tal ideologia.

Fui revoltada na adolescência, sobretudo. Hoje, apesar de mais serena, mantenho a revolta com injustiças muito mais graves do que aquelas por que eu passei, basta ver o que se está a passar na Síria.

Apesar de tudo, sei que lhe sobram boas memórias. Chelas tem ainda o calor de casa?

Tenho algumas boas memórias. A rua, a biblioteca, as árvores, o rio, mas, sobretudo, graças às pessoas que fazem parte do meu mundo de afetos, com quem cresci. O “calor” de casa tem a ver mais com a minha família, mais do que com Chelas.

A menina que não chorava [recorde-me de o ter lido algures], ficando-se pela vontade de chorar, desagou naquilo que a Aldina é hoje... Uma artista tão completa, uma mulher de camadas, de extrema profundidade, o que me leva a crer que, não obstante todas as dificuldades, houve ali uma estrutura basililar que a amparou. Foi o amor?

O amor da minha mãe, salvou-me, literalmente. E preparou-me para a vida, sim.

Se pudesse ‘refazer’ a criança que não foi, como seria ela?

Não sei, nem me interessa, sinceramente. Eu sou do presente e do futuro, nunca vivi do passado.

A sua paixão pela literatura tornou-se num refúgio, num colo?

A literatura é, para quem tiver a sorte de se deixar levar por ela, um mundo incrível, onde podemos descobrir sonhos e realidades à medida dos nossos desejos e convicções. A ler aprendemos que há muito mais mundo do que aquele em que vivemos... É um prazer como há poucos



Recorda-se do primeiro livro que leu?
‘O Pitarroxo Friorento’, com seis anos.

Os livros surgiram na sua vida muito antes do fado [se entendermos o fado apenas como canção]. Mas, não teria já encontrado o fado, mesmo antes de se saber fadista?
Não. Quando encontrei o fado nunca mais nos separámos.

Porque é que foi uma fadista tardia?

Porque, sendo o fado uma tradição oral, é muito comum os fadistas terem laços familiares, desde meninos, no fado. Eu só ouvi fados ‘ao vivo’ com 22 anos, isto é, entrei numa casa de fados e ouvi Beatriz da Conceição, para bem dos meus pecados, que foi para mim uma verdadeira epifania!

O fado e a literatura, juntos, constroem toda a sua narrativa artística [de vida?]. De que forma se ata este nó?

Canto com o que sou, mesmo que nem sempre me cante a mim, e a literatura faz parte da minha vida, da minha personalidade, dificilmente separaria este facto da minha arte, que é, por excelência, a música do som da língua portuguesa. A palavra é soberana na arte do fado.

É um nó cego. Para sempre?
Direta ou indiretamente, sim.

Vou pegar na letra de um dos fados que canta: “...Eu tinha as chaves da vida e fui roubada/Mataram dentro de mim toda a poesia/Deixaram só tristeza sem mais nada/E a fonte dos meus olhos que eu não queria”.



Parei de cantar durante seis meses porque achava que não tinha talento. Enquanto cantava, tinha na minha cabeça as vozes e os fados dos fadistas que mais admirava, e sentia que o que eu cantava não valia nada.

Final, não mataram em si toda a poesia...

A letra é do Júlio de Sousa. Mas sou absolutamente sensível a esta história, que pode acontecer a qualquer um de nós, quando menos se espera. É um fado que canto desde que comecei a minha vida profissional como fadista, em 1994, e nunca o deixei de cantar.

Há uns anos, esteve vários meses sem cantar. Pode falar-me das razões que a levaram a esse interregno?

Parei de cantar durante seis meses porque achava que não tinha talento. Enquanto cantava, tinha na minha cabeça as vozes e os fados dos fadistas que mais admirava, e sentia que o que eu cantava não valia nada. Então, parei, até o Camané e a Maria da Fé me convencerem de que estava en-

ganada, acreditei mais neles do que em mim e voltei, felizmente.

Durante aquele intervalo a voz habituou-se ao silêncio?
A voz, sim, a alma é que não.

A Maria da Fé teve um papel decisivo nesse seu regresso...

Sim, eu digo sempre que ela é a pedra angular do meu trabalho; deu-me um lugar na sua casa de fados, Sr. Vinho, onde conquistei um espaço e o tempo necessário para crescer. O meu fado sempre foi singular, cantei, desde muito cedo, poemas originais em melodias do fado tradicional, e, por não me parecer com ninguém, porque ainda estava tudo em ‘bruto’, nem sempre era fácil de gostar à partida. Procurei sempre encontrar um caminho próprio, por uma questão de honestidade para comigo mesma e para com quem me ouvisse. Agradar era pouco para mim, queria que houvesse identificação e espanto entre mim e o público.

Que medos herdou do passado? E quais se dissiparam por completo?

Sempre fui artisticamente insegura, ansiosa e insatisfeita. Não é preciso grande terapia para entender esta mistura, digo eu. Aprendi a aceitar-me e a viver assim com o meu trabalho. A parte da herança dos medos, confesso que já a esbanjei.

Diz que teve, desde cedo, muito presente a ideia da morte, embora não a tema. A vida, ou o não-viver, são mais assustadores?

Falando em medos, viver sem gosto, talvez seja o meu maior medo.